



Educação física para o lazer

Nelmar Oliveira Fernandes*

Abstract

The Physical Education comes as a discipline that approaches theoretically and practically, in the school, cultural elements characterized as games, sports, gymnastics, etc... As they are not directly concerned with knowledge and abilities linked to the world of the work - and therefore incompatible with the way of capitalism production - it should look for its legitimacy in a new social organization that understands the leisure time as the time where man can consume the culture produced collectively.

Saviani (1995), afirma que a cultura é uma segunda natureza do ser humano que é produzida sobre a sua base biofísica. É esta capacidade de produzir cultura que o distingue do animal.

Ainda segundo o autor citado, sendo a cultura uma segunda natureza não dada pela Natureza, cabe ao trabalho educativo 'o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens'¹.

Atualmente, parece estar se firmando cada vez mais uma concepção de educação física onde as práticas corporais são vistas como produtos culturais. Então, como elementos culturais, as atividades corporais caracterizadas como jogos, danças, esportes, movimentos ginásticos, etc.

* Mestrando em Educação Física pela UGF.

¹ Saviani, 1995:17.

(que surgiram em determinadas épocas no seio dos povos), devem ser transmitidas pela escola visando a formação integral das crianças e dos jovens, assim como o são a arte, a linguagem, os conhecimentos, a tecnologia, etc..

Bracht (1992), discutindo a legitimidade pedagógica da educação física, afirma que a sua importância está na importância do lazer para o ser humano, ou seja, no tempo do não-trabalho. Este autor cita Galvão que diz que *somente quando a história já tiver desenvolvido suficientemente as forças produtivas é que o homem poderá começar a se libertar do trabalho.*² Mas o sociólogo alemão Robert Kurz³ constata alguns paradoxos do mundo moderno, onde *'a despeito do gigantesco desenvolvimento das forças produtivas,'* há um maior sacrifício do tempo livre à produção do que nas épocas pré-modernas.

Acreditou-se que com o aumento permanente das forças produtivas o ser humano aumentaria igualmente o tempo livre. Mas o que se assiste hodiernamente, em plena maturidade do capitalismo, é uma desproporção exagerada entre o aumento permanente das forças produtivas e um aumento igualmente constante da falta de tempo livre.

A realidade social brasileira deixa evidente que um contingente de homens e mulheres (ou classes) têm sido constrangidos a trabalharem mais do que o necessário à satisfação de suas necessidades para que outra parte da sociedade possa usufruir dos produtos e bens produzidos pelo conjunto da humanidade. Dessa forma esses trabalhadores não possuem tanto tempo livre para que possam usufruí-lo ao seu bel prazer. O aumento do tempo de não-trabalho, além do tempo de trabalho necessário para a sociedade em geral, aparece como privilégio de alguns.

Diz Roberto Kurz que

*apesar de consumir a maior parte do tempo diário, a maioria dos que laboram não sente o tempo de trabalho como tempo de vida próprio, mas como tempo morto e vazio, arrebatado à vida como um pesadelo. Do ponto de vista do espaço e tempo capitalista, inversamente, o tempo livre dos trabalhadores é tempo vazio e de nenhuma serventia. (...) Existe no capitalismo uma forte tendência objetiva para minimizar o tempo livre ou ao menos racioná-lo austeramente.*⁴

Há ainda um outro paradoxo, vinculado ao anterior, que o autor resgata do mundo atual: com a globalização acontecendo pela lógica do mercado, está-se gerando, para as massas, um desemprego estrutural e, como bem lembra o autor, *'desemprego (...) no capitalismo não é tempo livre, é escassez'*. E escassez para o trabalhador pois, muitas empresas, embaladas pela onda da

² Op. Cit. p. 51.

³ Folha de São Paulo, 3/1/99, caderno Mais!.

⁴ Ibidem.

crise, estão impondo aos seus operários 'contratos de trabalho temporários', onde algumas conquistas trabalhistas de décadas atrás estão sendo desrespeitadas. O trabalhador é contratado pelo tempo que a empresa julgar conveniente e depois é demitido sem nenhum direito trabalhista.

Surgiu ainda a 'dispensa temporária', onde os trabalhadores, nesta situação, são dispensados de seu labor, dispensa esta que vem acompanhada de redução salarial e outros direitos que a categoria tiver. Parece que o negócio é salvar a empresa, deixando de lado os operários e suas necessidades como cidadãos humanos.

Kurz encerra o artigo afirmando o que muitos já o fizeram: '*o caminho para o ócio passa pela libertação da forma temporal capitalista*'.⁵

De acordo com Marx, numa forma de sociedade mais elevada (sociedade socialista), a criação preventiva dos meios materiais cria a possibilidade de reduzir para todos o tempo dedicado ao trabalho material para a própria sobrevivência. Dessa forma, aumenta o tempo de não-trabalho do ser humano.

Em *O Capital* Marx observa que

*de fato, o reino da liberdade apenas começa onde cessa o trabalho determinado pela necessidade ou pela finalidade externa; encontra-se, portanto, por sua natureza, para além da esfera da verdadeira e própria produção material. Apenas aqui, de fato, ocorre o desenvolvimento das capacidades humanas que é um fim em si mesmo, cuja condição é a redução da jornada de trabalho.*⁶

Isto quer dizer que o ser humano só tem condições de manter-se em atividade livre quando estiverem satisfeitas todas as suas necessidades básicas de sobrevivência e ainda lhe sobrar tempo para tratar do que lhe convier. As possibilidades de vida plenamente humana para muitos homens, onde possam usufruir dos bens culturais produzidos, estão, pois, ligadas ao problema de seu tempo de trabalho que o capitalista tende a usar em benefício próprio (produção da mais valia). A criação de tempo disponível para a massa de trabalhadores é a criação da possibilidade de que eles também possam produzir ciência, arte, práticas corporais, etc. (ou seja, cultura), e consumi-las.

Bracht (1992) acredita que essas contradições devem ser superadas pela Educação Física quando ela buscar o sentido de sua transformação na necessidade da transformação da própria sociedade brasileira. Defendendo o socialismo, cita Galvão quando afirma que

se no modo capitalista de produção trabalha-se para criar mais riqueza para o capital, o socialismo deveria encaminhar o

⁵ Ibidem.

⁶ MARX, K. (1996). *O capital: crítica da economia política: livro III, volume VI*. 5ª edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. p. 942.

trabalho social para a criação de mais liberdade, de mais tempo livre e menos tempo de trabalho socialmente necessário [para a produção da existência]. É por esta razão que Paul Lafargue dizia que o socialismo seria a realização do direito à preguiça.⁷

Reforçando a sua tese Bracht ainda argumenta que os conteúdos da Educação Física são os movimentos vinculados à atividade lúdica e não à prática laboral⁸, e conclui:

Não é porque o trabalho é importante que a Educação Física é importante, mas porque o lazer é importante, a Educação Física é importante. A <<utilidade>> da Educação Física advém do seu caráter <<inútil>>”.⁹

Na verdade, a Educação Física é ‘inútil’ à organização social que vem desumanizando o ser humano; organização esta que concebe a divisão social do trabalho como sinônimo de especialização de tarefas sociais onde determinadas tarefas ganham maior valor em detrimento de outras.

Com efeito, a partir do instante em que o trabalho começa a ser dividido [na lógica do capitalismo], cada um tem uma esfera de atividade exclusiva e determinada, que lhe é imposta e da qual ele não pode fugir; ele é caçador, pescador, pastor ou crítico, e deverá permanecer assim se não quiser perder seus meios de sobrevivência; ao passo que, na sociedade comunista, em que cada um não tem uma esfera de atividade exclusiva, mas pode se aperfeiçoar no ramo que lhe agrada; a sociedade regulamenta a produção geral, o que cria para mim a possibilidade de hoje fazer uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar na parte da tarde, cuidar do gado ao anoitecer, fazer crítica após as refeições, a meu bel prazer, sem nunca me tornar caçador, pescador ou crítico.¹⁰

Mas como lembra Marcellino (1996) ‘tempo é dinheiro, e no sistema de produção vigente, dinheiro é poder’!

Como lembra Kurz¹¹, a revolução capitalista consistiu essencialmente em desvincular a chamada economia de todo contexto cultural, de toda necessidade humana. No período chamado pré-capitalista, apesar do pouco

⁷ Op. Cit. p. 51.

⁸ A formação de atletas profissionais, portanto, não tem nada que ver com as Educação Física.

⁹ Bracht, 1992:51.

¹⁰ MARX, K. (1989). A ideologia alemã. São Paulo, Martins Fontes, p. 29.

¹¹ Folha de São Paulo, 3/1/99, caderno Mais!.

desenvolvimento técnico das forças produtivas, o tempo de produção diária era bem menor do que no capitalismo moderno. Como a religião tinha a preponderância sobre as outras instituições (até sobre a economia), o tempo gasto nas festas e rituais religiosos tinha mais importância do que o tempo da produção. Kurz informa que existiam muitos feriados que foram abolidos pela modernização da produção material da existência.

Além disso, as sociedades agrárias da velha Europa caracterizavam-se por enormes disparidades sazonais no volume de atividades. As épocas mais quentes do ano concentravam as tarefas, legando para a população camponesa um inverso relativamente cal, utilizado muitas vezes para a celebração das festividades privadas de que nos dão notícia algumas canções populares. A população artesã das cidades era menos estruturada pelas diferenças sazonais, mas em compensação seus dias de trabalho nas oficinas eram reduzidos. Documentos do século 18 relatam que os artesãos livres trabalhavam somente três ou quatro dias por semana, segundo a vontade e a necessidade. Era costume prolongar o final de semana segunda-feira adentro.¹²

Segundo este autor, há uma diferença qualitativa entre tempo de produção capitalista e o pré-moderno. O pouco desenvolvimento das forças produtivas agrárias na pré-modernidade gerava alguns problemas de abastecimento (algumas vezes colheitas arruinadas), mas seu objetivo não era como o de hoje, produção de mercadoria. O ócio dos trabalhadores pré-modernos não era um tempo separado do processo de atividade remunerada, pelo contrário, fazia parte da atividade produtiva. *O ritmo de esforço e descanso, de produção e ócio transcorria no interior de um processo vital amplo e abrangente. (...) O período de 12 horas de jornada de trabalho não significava 12 horas de atividade tensa, sob o controle de um poder econômico objetivado.¹³* O tempo da produção era permeado de momentos de pausa; o almoço, por exemplo, era um longo período de refeição comunitária. Além disso, a atividade produtiva pré-moderna era, também, mais vagarosa e menos intensiva do que hoje, pois não tinha a pressão da concorrência como é hoje sob a égide do capitalismo. Com a racionalização do tempo pelo Taylorismo, o ritmo frenético da atividade produtiva foi cada vez mais se refinando e se disseminando no meio social e tem se tornado mais importante do que as necessidades humanas concretas.

Numa organização social onde os homens dividem tarefas de acordo com as necessidades sociais, onde os produtos de suas práticas são valores-de-uso para todos – e não tão somente valores para troca, ou seja, mercadorias – que

¹² Ibidem

¹³ Ibidem

podem até ser trocados, mas não são produzidos só para serem trocados, a lógica da vida muda. O ser humano já não é mais visto como ser que nasceu para fazer somente um tipo de atividade, ele é um ser que contribui com suas forças corporais para a produção material da existência social, e se engaja na atividade que for necessária para tal. Ele é reconhecido como um ser que tem outras carências que estão além das primeiras necessidades (alimento, proteção, etc.); são carências mais refinadas como por exemplo produzir e consumir cultura. Estas atividades que não estão diretamente ligadas à produção material, são usufruídas no seu tempo de ócio, no seu tempo de lazer, tempo em que pode assumir compromissos consigo mesmo. É com a formação para a ocupação deste tempo que a educação física contribui.

A educação física deve educar para os momentos do não-trabalho, ou seja, para os momentos em que o homem está liberto do trabalho que produz e reproduz sua vida material, tempo esse onde está à disposição de si mesmo. Bracht (1992) lembra que ao se pretender educar para o tempo do não-trabalho, isto terá ressonâncias no tempo de trabalho pois

esta separação é empiricamente impossível, uma vez que o indivíduo é um só. Portanto, as habilidades, competências, atitudes, etc. adquiridas neste espaço pedagógico, assim como em outros, terão repercussão sobre o contato do indivíduo com o mundo do trabalho¹⁴ [e completamos: e vice-versa].

Concordando com Valter Bracht, a educação física na perspectiva de formar para o lazer, educaria: a) ao instrumentalizar os indivíduos para ocuparem de forma autônoma seu tempo livre também com atividades corporais (com as conseqüências orgânicas, motoras, psíquicas e de qualidade de vida postuladas para as atividades corporais de movimento); b) ao instrumentalizar os indivíduos para entenderem e se posicionarem criticamente diante da cultura corporal produzida historicamente pelos homens; e c) ao desenvolver uma socialidade composta de valores que permitam um enfrentamento crítico com os valores dominantes que privilegiam somente parcela da população. Esta seria a forma de ler o mundo mediado pela educação física como disciplina escolar.

Arriscando uma interpretação mais pormenorizada dessas colocações de Valter Bracht, pode-se dizer que, em relação ao seu primeiro objetivo apontado, a finalidade da Educação Física escolar é a socialização das práticas corporais (jogos, esportes, ginásticas, danças, etc.) produzidas pela humanidade. Esta socialização se daria por um processo teórico-prático de vivências e reflexões para dotar os alunos de conhecimentos sobre os princípios elementares biomecânicos do movimento humano, as alterações corporais quando em movimentos em intensidades diferentes, princípios elementares para treinamento cardiorespiratório, muscular, etc., informações das técnicas

¹⁴ (op. cit. 49).

corporais dos jogos, esportes, danças, etc.. Tais conhecimentos teórico-práticos com certeza favorecerão aos alunos na aquisição de autonomia de conhecimentos e habilidades necessárias a uma prática intencional e permanente de atividades corporais, na busca da qualidade coletiva de vida.

Em relação ao segundo e terceiro objetivos, que deve estar sempre associado ao primeiro, a Educação Física escolar visará desenvolver a postura crítica perante as atividades corporais, no sentido de fazer entender as relações existentes entre essas práticas corporais e a prática social. Neste sentido, as aulas de educação física, extrapolando a simples prática e/ou vivências de atividades motoras, e os conhecimentos teóricos a elas vinculados diretamente (conhecimentos técnicos), deve incorporar, aos seus conteúdos, a reflexão teórica sobre as possibilidades, limitações, paradoxos e mitos que emergem das atividades corporais (jogos, esportes, etc.). Isto favorece o desvelamento de valores sociais, morais, éticos e estéticos subjacentes a essas práticas que, muitas vezes, reproduzem a marginalização, os estereótipos, o individualismo, a competição discriminatória, a intolerância com as diferenças, dentre outros valores que reforçam discriminatóriamente as diferenças sociais.

O ensino da educação física na escola partiria das práticas estabelecidas na sociedade para a construção de novas práticas corporais onde a participação do 'material' humano seja a determinante principal. O movimento se daria semelhantemente ao que acontece quando se parte da lógica do 'jogo de tênis' para a lógica do 'jogo frescobol', ou seja: no tênis temos dois jogadores rebatendo uma bola para dificultar o jogo do adversário; quando um ganha o outro perde. Já no frescobol a lógica é inversa: um jogador deve rebater a bola de modo a facilitar o jogo do adversário pois, se um não consegue o controle da bola, os dois perdem na jogada. Este é o passo histórico que os profissionais da área ainda precisam sedimentar!

Referências Bibliográficas

- BRACHT, Valter. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- COLETIVO DE AUTORES (1992). *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez.
- FREIRE, P. (1997). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. (Coleção Leitura)
- KURZ, Robert. Folha de São Paulo, 03/01/99, caderno Mais!, p. 3.
- LIBÂNEO, José Carlos. (1992). *Didática*. São Paulo: Cortez.
- MANACORDA, M. A. (1991). *Marx e a pedagogia moderna*. São Paulo: Cortez: Autores Associados.

- MANACORDA, M. A. (1996). *História da Educação: da antigüidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez.
- MARCELINO, Nelson de Carvalho. (1996) Estudos do lazer: uma introdução. Campinas - SP, Autores Associados.
- MARX, K. (1989). *A ideologia alemã*. São Paulo, Martins Fontes.
- MARX, K. (1996). *O capital: crítica da economia política: livro III, volume VI*. 5ª edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- NOGUEIRA, M. A. (1993). *Educação, saber e produção em Marx e Engels*. São Paulo: Cortez.
- RIBEIRO, M. L. dos S. (1991). *Educação escolar e praxis*. São Paulo: Iglu.
- SAVIANI, D. (1989). *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.
- SAVIANI, D. (1995). *Pedagógica histórico crítica: primeira aproximações*. Campinas: Cortez/Autores Associados.